Revista da Faculdade de Letras
CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO
Porto 2006-2007
I Série vol. V-VI, pp. 509-525

A encomenda de monumentos sepulcrais no período Romântico e o papel da mulher na construção da memória familiar[1]

J. FRANCISCO FERREIRA QUEIROZ[2]

Abstract

Is it possible to individualize special features on tombs erected in the 19th century just because its construction was ordered by women? Through an analysis of several Portuguese examples, this paper makes a preliminary approach to this problem.

KEY WORDS: Women; Tombs; 19th Century

Resumo

Será que os túmulos oitocentistas devidos à encomenda de mulheres apresentam características especiais que geralmente não se encontram em túmulos da mesma época mandados erigir por homens? Através de uma análise de exemplos marcantes em Portugal, far-se-á uma primeira abordagem a esta questão.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Túmulos, Romantismo

---

[1] Este trabalho tem como base uma comunicação apresentada ao "IV Colóquio Internacional – Em busca da História das Mulheres Portuguesas" (Porto, 5 e 6 de Junho de 2003), do qual não se publicaram actas.

[2] Doutor em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Docente de História da Arquitectura e Urbanismo na Escola Superior Artística do Porto. www.queirozportela.com

Uma das características mentais mais marcantes do Romantismo prende-se com a necessidade de perpetuar a memória dos defuntos através de uma panóplia de celebrações, sendo a mais importante a construção de um túmulo que, perenemente, demonstre as virtudes de quem se finou. As memórias sepulcrais, dentro da evolução das mentalidades no século XIX, cada vez mais claramente foram-se ligando à noção de "família", afastando a morte propriamente dita para longe do olhar e do olfacto. O cemitério romântico, moderno e com a sua pompa burguesa, expressava visualmente e de forma "limpa" aquilo que a morte e a saudade tinham de mais cruel[3].

No Cemitério Britânico de Lisboa, encontramos os primeiros exemplos em Portugal deste fenómeno de vivência romântica da morte. Neste cemitério, o primeiro túmulo de alguma dimensão foi dedicado ao menor Thomas Bradlen, que faleceu em 1749 e tinha apenas 3 anos. Denotando novidade na forma de entender a morte, a generalização de soluções monumentais em túmulos dedicados a crianças só várias décadas mais tarde chegaria aos espaços de enterramento católico em Portugal.

No Romantismo, crianças, jovens ou mulheres passam a ser também os pequenos heróis, à escala familiar, merecendo elegias perpétuas na pedra do seu túmulo, muitas vezes apenas por terem existido ou por terem sido o culminar das aspirações de um casal (por exemplo), o qual deixa a sua saudade gravada para que todos a possam ver. Alexandre Herculano afirmava mesmo em 1837: *Se nós tivessemos de escolher um amigo, antes de dar entrada à amisade, iriamos ver se no cemiterio os restos de seu pae jaziam esquecidos; e se assim acontecesse, nunca seria juncto do nosso coração que bateria o seu* ("O Panorama", 1837).

Por várias razões, destacando-se sobretudo a maior esperança de vida, as mulheres acabaram por tornar-se privilegiadas encomendadoras deste tipo de memórias sepulcrais, nas quais frequentemente plasmaram formas específicas de sentir a perda de um ente querido.

A capela do comerciante Barnabé Mendes de Carvalho, no Cemitério da Lapa (n.º 2 da secção lateral) foi a segunda capela sepulcral romântica construída neste cemitério e também em Portugal. Foi mandada erigir por Clara Maria Mendes de Carvalho para o seu marido, falecido em 25 de Outubro de 1839. Trata-se de uma capela neoclássica em granito, muito semelhante à pioneira capela do Barão de Ancede, que lhe fica mesmo ao lado. Porém, o portão em ferro forjado do jazigo-capela de Barnabé Mendes de Carvalho é muito interessante, sendo um trabalho único nos cemitérios portugueses. Não encontrámos, porém, evidências claras de que este original portão tenha partido do gosto específico da encomendadora.

---

[3] Sobre este assunto, veja-se a nossa tese de Doutoramento em História da Arte, *Os Cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal - Consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória* (Porto, 2002). Neste trabalho, pode ser encontrada mais informação biográfica sobre quase todas as personalidades referidas ao longo do texto deste artigo.

No caso da estela sepulcral n.º 100 da divisão 1 do Cemitério da Lapa (Fig. 1), cerca de três anos posterior, a escolha da iconografia fúnebre esculpida poderá ter tido alguma influência da encomendadora - Bernarda Távora de Carvalho. Efectivamente, a coroa de rosas com laço era símbolo apropriado para monumentos erigidos a crianças ou a jovens do sexo feminino. Ora, Bernarda Távora de Carvalho mandou ali colocar a estela em memória da sua filha Ciríaca Circaciana Carvalho, pelo que a viúva e encomendadora ter-se-á limitado a adaptar a iconografia ao sexo da destinatária do monumento. É claro que a sugestão pode ter partido do canteiro ornatista que fez a obra, baseado provavelmente no que era então comum nos monumentos sepulcrais românticos franceses, ingleses ou italianos. Em suma, torna-se muito difícil saber em que medida o gosto particular das mulheres encomendadoras de túmulos transparece nas obras que mandaram erigir. Vejamos alguns exemplos mais interessantes.

No antigo Cemitério da Ordem Terceira do Carmo, erigiram-se os primeiros monumentos sepulcrais românticos em Vila Real. Ali existe ainda um belíssimo monumento, do melhor que foi feito na década de 1840 em Portugal (Fig. 2). Trata-se de um pedestal de grandes dimensões e bem trabalhado que, através de volumosas molduras e um pequeno caveto, evolui para uma base de suporte a um grupo escultórico representando uma figura feminina - a Dor - debruçada sobre uma urna. A escultura é algo tosca, mas o granito também não ajudava a melhor aperfeiçoamento das formas anatómicas. Este monumento é da família Botelho Machado, proprietários da Casa de S. Pedro. A inscrição não refere quaisquer nomes, apenas aludindo a uma viúva e filhos menores. Contudo, supomos que este mausoléu tenha sido mandado erigir por Luísa do Loreto Teixeira e Sousa que, em requerimento de 1856, identificou-se como sendo do Lugar de Relvas, com casas no Pioledo e viúva do Dr. Sebastião Botelho Machado de Queiroz, a quem terá dedicado o monumento. Julgamos que a escolha do motivo escultórico poderá representar a própria viúva, metaforicamente, denotando talvez uma tentativa de adequação a algum modelo francês ou a alguma vinheta necrológica publicada em Portugal na época.

Mais ou menos da mesma época é a capela que a célebre Antónia Adelaide Ferreira mandou erigir para a sua família, no Cemitério da Régua, entre 1845 e 1849[4]. A própria iniciativa da construção do actual Cemitério da Régua é de Antónia Adelaide Ferreira, devido ao falecimento do seu marido António Bernardo Ferreira. De acordo com vária documentação compulsada no arquivo histórico desta família, percebe-se que a obra foi feita ao gosto de Antónia Adelaide Ferreira, mas com intervenção (sobretudo monetária) do seu pai, José Bernardo Ferreira. É certo que já existia uma planta anterior aprovada, mas Antónia Adelaide Ferreira sugeriu os aspectos decorativos finais, contando com a opinião dos administradores da

[4] Sobre esta capela, veja-se o nosso trabalho *A capela sepulcral da família Ferreira. Relações socio-artísticas entre o Porto e a Régua na década de 1840* (Porto, 2004).

casa, após consulta avisada aos mestres, sobretudo ao construtor Manuel Domingos da Costa Barreira e ao ornatista Emídio Carlos Amatucci[5]. Antónia Adelaide Ferreira pretendia uma capela monumental, que mostrasse a todos o quanto ela amava o marido. Paralelamente, a dimensão do jazigo plasmava a própria importância social da família. O jazigo-capela da família Ferreira é claramente único no seu género e um dos melhores exemplos de arquitectura tumular oitocentista em Portugal.

O monumento sepulcral de José Mendes Braga (1780-1851), no Cemitério da Lapa (jazigo n.º 41 da divisão 1), é também de carácter muito original, sendo parte da sua qualidade devida certamente ao já referido ornatista Emídio Amatucci. Porém, o mestre terá talvez concretizado as ideias da abastada viúva do finado contratador do tabaco no Porto - Maria Angélica da Natividade. Este interessante túmulo apresenta uma tipologia pela primeira vez proposta nos cemitérios portugueses. Trata-se de uma grande arca tumular, com colunas isentas de ordem toscana nos cunhais, suportando um entablamento de friso também toscano com gotas pendendo dos tríglifos (Fig. 3). A face principal do monumento contém os dois campos epigráficos, correspondendo a dois gavetões no interior. Maria Angélica da Natividade pretendia um jazigo com apenas dois lugares, até porque o casal não tinha filhos vivos quando José Mendes Braga faleceu. Acabou por mandar erigir um monumento que comemora mais o amor do casal do que propriamente a família. Não foi por acaso que o monumento recebeu no topo a escultura de um cão sentado – o símbolo da fidelidade, com a particularidade de ter sido copiado do natural, supondo-se que fosse o próprio cão de José Mendes Braga. Aliás, a tradição oral alude ao facto deste cão ter seguido o féretro à sepultura, ficando a velar o extinto dono até ali morrer também.

Claramente romântico e de grande relevância artística, o monumento sepulcral de José Mendes Braga viria a ser copiado mais tarde por duas vezes e também por iniciativa de uma mulher: Ana Margarida Soares da Silva Passos (1794–1869). Esta senhora, viúva do célebre político liberal José da Silva Passos, mandou erigir em 1865 dois mausoléus logo à entrada da secção privativa da Misericórdia do Porto. Estes monumentos gémeos ficaram em posição simétrica, ambos virados para a avenida central do Prado do Repouso. O mausoléu n.º 1 foi erigido para seu finado marido, José da Silva Passos. Foi no dia 22 de Junho de 1865 que se fez a trasladação dos seus restos mortais, do Cemitério da Lapa para o novo mausoléu. A trasladação foi feita com pompa, num carro ricamente adornado. A viúva leu então um pequeno discurso, que introduziu no caixão. A imprensa da época faz crer que Ana Margarida Soares da Silva Passos devia ter amado muito o seu finado marido. O mausoléu n.º 2 foi erigido para o seu irmão José Pinto Soares (1795–1865), o qual foi Deputado, membro destacado do Partido Progressista e

[5] Sobre Emídio Carlos Amatucci, veja-se o nosso trabalho *Os Amatucci - três gerações de uma família de artistas*, no prelo (Porto, 2006, no prelo).

Director da Companhia de Vinhos. José Pinto Soares faleceu viúvo de Emília Delfina da Costa Soares. Assim, ambos os mausoléus foram dedicados a casais e não propriamente a famílias. A única diferença entre o mausoléu de José Mendes Braga e os dois mausoléus gémeos mandados erigir por Ana Margarida Soares da Silva Passos é o cão que encima o túmulo. Nos dois monumentos geminados, este cão é um galgo idealizado.

Podemos também encontrar nos cemitérios de Lisboa vários monumentos sepulcrais interessantes mandados erigir por mulheres. É o caso do jazigo n.º 533 do Cemitério do Alto de S. João, dedicado a Manuel Rodrigues de Aguiar, a mando da viúva Ana Joaquina de Sousa Aguiar, em Setembro de 1855. A solução encontrada para metaforizar a saudade sentida pela viúva foi uma figura dolente sentada, a carpir junto a um chorão e a uma saudade, vendo-se também duas dormideiras crescendo entre pedras.

Com um carácter ainda mais cenográfico e tipicamente romântico, baseando-se em algumas fórmulas tumulares da antiguidade, temos o projecto para o jazigo n.º 631 do Cemitério do Alto de S. João, aprovado em 9 de Julho de 1857. O monumento foi mandado erigir por uma viúva e um ou mais filhos, personificados nos bustos de carpideiras que se colocam a ladear o retrato escultórico do finado (Fig. 4). Este último apresenta-se também numa posição algo cenográfica, ficando atrás uma eça com o caixão, coberto de um tecido com franjas e borlas.

Voltando ao Porto, referenciemos a lápide da sepultura do médico João Ferreira da Silva Oliveira (falecido em 1855). Este singelo monumento (n.º 26/17 do Prado do Repouso) foi mandado construir pela sua mulher Gertrudes Carolina Cervães Ferreira. Trata-se de uma estela em lousa, talvez como muitas que eram na altura colocadas nas sepulturas temporárias. Na altura, foi certamente visto como o tipo de monumento mais modesto que poderia ser levantado a alguém. No entanto, não deixou de receber uma interessante iconografia – o mocho – a qual não encontrámos em qualquer outra lousa sepulcral oitocentista, das poucas que subsistiram até hoje.

Também despojado, mas igualmente muito sugestivo e romântico é o mausoléu n.º 56 (divisão 1) do Cemitério da Lapa (Fig. 5). A concessão foi feita em 25 de Junho de 1857 a Maria da Felicidade do Couto Browne, que pretendia erigir um monumento ao seu finado marido Manuel de Clamouse Browne (1790–1857). Trata-se de um penhasco verdadeiramente rústico, pois nem sequer possui qualquer tabela para inscrição. A muito custo, vislumbram-se apenas alguns nomes insculpidos de forma tosca nas pedras irregulares do calvário. Este monumento tipicamente romântico dos Browne levou até às últimas consequências o seu carácter despojado e rústico. Não admira que tivesse sido mandado erigir por Maria da Felicidade do Couto Browne, a poetisa romântica que ficou mais tarde conhecida como Soror Dolores e que privou com Camilo Castelo Branco, tendo organizado célebres saraus poéticos na sua quinta no Lugar do Choupelo (Vila Nova de Gaia).

Contrastando com esta singeleza ou despojamento, temos também exemplos no sentido oposto, na mesma época. Maria José Larcher, por exemplo, tinha mandado erigir uma capela monumental no então ainda desorganizado tabuleiro superior do Cemitério de Portalegre, certamente porque o tabuleiro inferior não estava preparado para tal construção, sendo um espaço não arruado. Maria José Larcher mandou erigir a dita capela em memória de Manuel de Andrade e Sousa (1788–1855). Trata-se da capela n.º 218 da secção F – o monumento sepulcral mais interessante em todo o cemitério (Fig. 6). É curiosa a mistura de influências nesta capela de dimensões anormalmente grandes, que a torna uma construção funerária única no país. A estrutura é de alvenaria e reboco, com pintura a ocre nos cunhais e cornijas, como se tratasse de uma casa popular alentejana. Por outro lado, os dois pequenos corpos que saem dos paramentos laterais, não sendo muito comuns na arte funerária portuguesa, denotam conhecimento dos modelos internacionais de arte funerária. Curiosamente, o reboco destes dois corpos é rusticado e imita a cantaria do granito. A inscrição desta capela surge numa lâmina de mármore inteiramente lisa e perfeitamente rectangular. A caveira e as tíbias no tímpano do frontão são também em pedra mármore. O portão em chapa de ferro, com uma cruz de ferro fundido aplicada em cada batente e a definir duas minúsculas aberturas para o interior, é uma solução típica da arte funerária lisboeta da época de construção da capela. Estas cruzes estão colocadas de forma a impedir a visibilidade para o interior, porque estão acima do nível do olhar. As cruzes são góticas na decoração, sendo um dos elementos mais modernos e lisboetas desta capela. A cruz que remata a capela é em ferro fundido e também é outro dos elementos na capela que não está em total concordância com o seu carácter regional. A notar o gradeamento exterior, estrutura de vedação então também comum em algumas capelas sepulcrais dos cemitérios de Lisboa. Esta capela representa, na morte, um dos homens mais importantes da região de Portalegre. Manuel de Andrade e Sousa era Comendador da Ordem de Cristo e um importante negociante, tendo sido Administrador da Fábrica Real de Lanifícios de Portalegre. A sua mulher beneficiou da fortuna deixada e plasmou-a, assim, na referida construção fúnebre. Porém, ao longo da sua vida, Maria José Larcher foi mantendo a posição social e manifestando-a em graúdos legados pios.

Outra mulher com relevo na sociedade portuguesa da época que também procurou plasmar no jazigo de família toda essa relevância foi Constança Lodi. O jazigo-capela que mandou construir em 1872 no Cemitério dos Prazeres (n.º 1994), não sendo muito grande, era de um risco moderno, em estilo neoromânico. Esta capela foi talvez a primeira claramente neoromânica nos cemitérios portugueses, embora com elementos eclécticos. Não se tratava de um jazigo qualquer, mas tão só do jazigo de Joaquim Pedro Quintela – Conde de Farrobo – um dos maiores mecenas artísticos do Portugal de Oitocentos e o homem que mandou beneficiar a Quinta das Laranjeiras. Esta quinta possuiu um dos primeiros jardins românticos em Portugal e um dos mais notáveis, tendo sido inaugurado em 1842.

No Porto, também a capela n.º 42 lateral do Cemitério da Lapa reflecte o desejo de ostentação por parte de uma viúva abastada. Em 1865, a Irmandade da Lapa concedeu um terreno a Maria Miquelina Moreira Barbosa, de modo a que esta mandasse erigir um jazigo-capela para o seu marido António de Sousa Barbosa, falecido em 18 de Novembro de 1864. A família Barbosa seria mais uma a possuir jazigo no Cemitério da Lapa, mais uma família com relações de amizade mantidas com várias outras famílias representadas nos jazigos-capela monumentais já ali erigidos. Ora, Maria Miquelina Moreira Barbosa não deixou descuidada a tarefa de edificação da capela. Contratou o melhor canteiro ornatista da cidade para fazer a obra – Emídio Amatucci. A capela que ali mandou erigir é de uma grande elegância, sendo dos mais interessantes exemplos de tumulária neoclássica em Portugal (Fig. 7). Alguns anos mais tarde, este modelo de capela viria a ser adoptado por outra viúva abastada – Maria do Carmo Rodrigues Forbes – para erigir um monumento sepulcral ao seu marido António Ribeiro Fernandes Forbes (Prado do Repouso).

Singular é o monumento mandado erigir por Henriqueta Emília da Conceição no Prado do Repouso, em época próxima. Henriqueta Emília da Conceição era uma mulher bem conhecida na cidade do Porto, como prostituta de luxo. Nascida em 1840, ficou órfã muito cedo da sua mãe, tendo sido à nascença abandonada pelo pai (um militar). Viveu no Asilo das Raparigas Abandonadas, tendo ido depois trabalhar numa fábrica de fósforos. Na prostituição, conseguiu amealhar alguma fortuna. Aos vinte anos vivia já numa boa casa, servida por criados. Porém, ganhou compreensível aversão aos homens, com quem não se conseguia envolver afectivamente. Henriqueta Emília da Conceição ter-se-á enamorado de uma rapariga chamada Teresa Maria de Jesus, que também se entregava à mesma vida e que faleceu muito jovem. É certo que todos estes dados poderão ter sido romanceados ainda no século XIX por António Joaquim Duarte Júnior, no seu livro *Henriqueta; Uma heroína do século XIX*. A realidade é que, em Outubro de 1868, Henriqueta Emília da Conceição e Sousa pediu a transferência do caixão de chumbo da "*sua familiar*" Teresa Maria de Jesus para um jazigo que lhe mandara fazer no Prado do Repouso. Na altura da trasladação, Henriqueta Emília da Conceição pediu às pessoas presentes para se retirarem, de modo a ficar a sós com os restos mortais de quem amava. Foi então que terá decapitado o cadáver e guardado a cabeça, denotando – segundo o então secretário da Câmara Municipal do Porto, não "*profanação, mas sim dedicação por aquella familiar*". O monumento que Henriqueta Emília da Conceição e Sousa mandou erigir no Prado do Repouso é o jazigo n.º 177/33, sendo constituído por pedestal de granito simples, servindo de mero suporte a uma estátua de S. Francisco (Fig. 8). Porquê S. Francisco representado num monumento sepulcral? Não se tratava do patrono da finada nem o da encomendadora. Trata-se de um monumento algo estranho, cujas verdadeiras motivações talvez nunca se venha a saber, assim como o significado do medalhão preso ao rosário que S. Francisco traz à cintura, podendo eventualmente tratar-se de algum detalhe explicitamente pedido pela encomendadora ao escultor.

A capela de José Estevão Coelho de Magalhães (1809-1862), no Cemitério de Aveiro, também suscita algumas interrogações. Em meados da década de 1860 já existiam vários monumentos no Cemitério de Aveiro. Porém, só deveria existir ainda uma capela – a dos Barbosas, granítica e monumental. Ora, esta capela dedicada a José Estevão Coelho de Magalhães não foi erigida ao lado da primeira, mas sim do lado nascente, em frente da rua transversal do cemitério. Quando José Estevão Coelho de Magalhães faleceu, ficou sepultado no Cemitério dos Prazeres, no jazigo Pinto Basto. Os restos mortais deste célebre tribuno só em Maio de 1864 vieram para Aveiro. Porém, a vinda destes despojos cadavéricos para Aveiro não implicou a encomenda de um monumento em Lisboa para lhe enobrecer o jazigo, como seria mais lógico. Ao que parece, a capela foi mandada fazer em Aveiro ou arredores, quando já os restos mortais de José Estevão estavam em Aveiro. A encomendadora foi a sua viúva Rita de Moura Miranda de Magalhães. O resultado é um jazigo-capela regional, em alvenaria rebocada, com cantaria calcária apenas nos cunhais, ombreiras, soco, cornijas e na pequena e simples cruz de remate (Fig. 9). O exterior da capela de José Estevão Coelho de Magalhães é, pois, de uma severidade neoclássica e de uma singeleza propositada. Mas, se a fachada é muito simples - apesar da grande volumetria, o interior é bastante monumental, feito para ser visto por quem passava no cemitério. Aliás, os gavetões dispõem-se lateralmente, não tendo sido colocada qualquer epígrafe na fachada da capela. Tudo teria de ser visto no interior. Como se pode verificar, esta capela pretendeu-se simples, mas monumental e equivalente à importância social do finado. A ostensiva visibilidade para o interior pode ser também avaliada pelo facto de este ser mais trabalhado que o exterior, tendo até ficado o grande sarcófago de José Estevão Coelho de Magalhães ao centro da capela. Este sarcófago é em lioz, de linhas austeras mas com alguma graciosidade, pois possui aplicações de mármore azulado, nomeadamente uma moldura e uma cruz.

Pouco tempo depois da capela de José Estevão Coelho de Magalhães ter sido erigida, também em Viana do Castelo foi erguida aquela que terá sido uma das três primeiras capelas sepulcrais hoje existentes na parte municipal do cemitério da cidade, sendo também uma das mais grandiosas de todo o cemitério. Esta capela foi mandada erigir por Ana Cândida Furtado de Mendonça Dantas, em 1868. É uma capela-obelisco claramente colada ao modelo de capela-obelisco do Cemitério da Lapa, numa versão mais vertical. Esta capela de Ana Cândida Furtado de Mendonça Dantas era moderna apenas no contexto de Viana do Castelo, não se distinguindo na sua tipologia alguma especificidade pelo facto de ter sido encomendada por uma mulher.

O mesmo pode dizer-se da capela de João Anselmo da Silva Avares, no Cemitério da Figueira da Foz, mandada erigir por Ludovina Augusta da Silva Avares, sua viúva, sendo datável de 1869. Esta capela apresenta aquele que será provavelmente o primeiro portal de capela sepulcral verdadeiramente neogótico decorado em cemitérios fora de Lisboa, sendo também uma das mais originais construções sepulcrais em Portugal.

Em Leiria, onde existe ainda um interessante conjunto de capelas sepulcrais oitocentistas, salta à vista a capela de José da Silva Santos[6]. O projecto para a capela foi apresentado à Câmara de Leiria em 7 de Maio de 1874, a mando da viúva Maria da Luz Cabeleira. A monumentalidade desta capela é deslumbrante, sendo uma das mais espectaculares construções fúnebres portuguesas da sua época, obra do original desenhador Francisco Maria Teixeira. Terá sido uma edificação muito dispendiosa, até pela elevada quantidade de cantaria com ornato de que necessitou. Por outro lado, como a família de José da Silva Santos não possuía jazigo no anterior Cemitério da Sé, a concessão de terreno teve de ser paga, o que talvez justifique o maior pendor vertical da capela relativamente às restantes do seu género no mesmo cemitério. José da Silva Santos era um abastado negociante em Leiria. Provavelmente, Maria da Luz Cabeleira pretendeu uma construção que representasse os recursos e a importância que o marido teve em vida.

Mas aquela que será a mais eloquente demonstração de poder social através de um túmulo, mandado também erigir por uma mulher, é a monumental capela sepulcral dedicada ao lente Dr. José Pereira da Costa Cardoso, na secção privativa da Ordem do Carmo (Agramonte). Emília Cabral Pereira Cardoso foi quem mandou levantar esta capela de planta centrada, riscada por António Almeida da Costa e executada em 1888 nas suas oficinas, com preciosas colaborações dos Teixeira Lopes (pai e filho). No interior, magnífico, pode ver-se um calvário em ferro e várias peças feitas na fábrica das Devesas (Fig. 10). Curiosamente, Emília Cabral Pereira Cardoso mandou colocar um sarcófago para a primeira mulher do seu marido (Amélia Augusta Cabral), do mesmo tipo daquele que iria servir para ela própria e em posição simétrica em volta do sarcófago principal[7].

A capela de Luzia Joaquina Bruce, no Cemitério da Lapa (n.º 181, 1.ª divisão), é também uma edificação interessante, pelo facto de ter sido mandada erigir por uma mulher brasileira, que a dedicou a um homem com quem não era legalmente casada – o abastado proprietário João António de Lima (1825 - 1891). Trata-se de uma capela toda em mármore alentejano, sendo a primeira no Cemitério da Lapa que utiliza apenas este tipo de pedra (Fig. 11). Ladeando o portal desta capela, existem nichos neogóticos com as figuras alegóricas da Fé e da Saudade, esta última com coroa de flores. Um Anjo da Redenção encima a capela, mas não substitui a cruz de remate. Este anjo ostenta uma flor e indica o Céu. O interior da capela possui um altar neogótico decorado com três edículas. Na central, existe uma imagem da Imaculada Conceição. Nas laterais, existem os patronos daqueles a quem foram destinados os sarcófagos: S. João Baptista, do lado do sarcófago

[6] Sobre esta capela, veja-se o nosso trabalho, em co-autoria com Ana Margarida Portela, *A casa de José da Silva Santos, em Leiria: percurso histórico de uma habitação burguesa do Romantismo* (Porto, 2004).

[7] Relativamente a soluções adoptadas em jazigos de família cujos concessionários casaram por duas vezes, veja-se o nosso trabalho, em co-autoria com Marcelina das Graças de Almeida, *Teatro Baquet: Ruína e Memórias* (no prelo).

de João António de Lima e Santa Luzia, do lado do sarcófago destinado a Luzia Joaquina Bruce. Sobre cada sarcófago, colocar-se-ia o busto do sepultado. Porém, o busto de Luzia Joaquina Bruce não existe, pois esta senhora viria a falecer em Lisboa, onde ficou sepultada. Luzia Joaquina Bruce devia nutrir um grande amor ou dedicação por João António de Lima, a julgar pela capela que lhe mandou erigir, pela colocação da estátua do seu defunto amante no coroamento do frontão do edifício do Hospital da Lapa (que custeou) e pelo extremo cuidado que dedicou à conservação da capela. É, pois, curioso como uma obra sepulcral nascida do amor e dedicação de uma mulher acaba por resultar numa obra incompleta, pela própria ausência da finada no monumento que era dedicado ao amor de ambos. Note-se que a capela de Luzia Joaquina Bruce teve grande impacto em finais do século XIX, tendo sido copiada em outros cemitérios da região do Porto.

Outra mulher singular que também mandou erigir um monumento sepulcral distinto foi Virgínia Rosa Teixeira. Esta senhora adquiriu fortuna graças à sua actividade como cartomante, debaixo do pseudónimo de "Madame Brouillard". Assim, apesar de ter deixado a terra que a viu nascer – Vila Real – acabaria por ser aqui uma grande benemérita, tendo mesmo mandado erigir o seu jazigo de família no respectivo cemitério. Certamente de modo a destacar-se dos demais conterrâneos, mas também por uma questão de facilidade, mandou executar uma capela em lioz numa oficina de Lisboa (José Joaquim Castelo), tendo esta sido depois transportada em partes para Vila Real, em 1904. Não sendo suficiente esta forma de distinção, a capela acabou por levar o próprio retrato da célebre cartomante (Fig. 12).

Deixamos propositadamente para o final o caso da Princesa Augusta de Montléart, que mandou edificar um cenotáfio em forma de capela ao seu meio irmão Rei Carlos Alberto da Sardenha, no Porto (Fig. 13). Não só a edificação é singular, tratando-se do maior e mais importante cenotáfio romântico existente em Portugal[8], como a própria personalidade da encomendadora e os seus propósitos são o reflexo mais paradigmático do que era o Romantismo e de como uma mulher pode deixar a sua marca indelével na perpetuação da memória.

Em Março de 1854, Augusta de Montléart veio ao Porto para visitar o local onde falecera o seu meio irmão e com a intenção de construir uma capela o mais perto possível desse local. É curiosa esta intenção, não só porque não teria havido grande intimidade entre ela e o finado Rei, mas também porque este tinha já falecido cinco anos antes. Augusta de Montléart instalou-se no Porto apenas com uma criada e aqui viveu durante cerca de três meses, sem qualquer luxo que a sua condição real poderia exigir. Ia praticamente todos os dias ao Campo da Torre da Marca, onde passava o tempo a desenhar e a pintar as belas paisagens que dali se avistavam. Procurando nunca ser reconhecida, saía de casa apenas com a sua criada, que lhe levava a pasta de desenhos. Ia ela própria ao mercado

[8] Sobre este assunto veja-se o nosso trabalho, *A Princesa Augusta de Montléart e a capela do Rei Carlos Alberto* (Porto, 1999).

fazer as compras e dormia modestamente "*n'um canapé de palhinha*". A sua personalidade desconcertante motivou todo o tipo de especulações na imprensa. Alguns explicavam-na pelo desgosto de não ter chegado a casar com o Duque de Génova. Sendo uma "*mulher moça* (...)*, os soffrimentos mais do que os annos*" tinham-lhe "*marcado o rosto*", embora os seus olhos fossem "*vivos e expressivos, o seu porte nobre e o talho garboso*". Era também "*notável pela sua affabilidade e expressão melancholica da sua phisionomia*" e "*mui instruida, de conversação interessante, e maneiras delicadas*". Para além do italiano, falava alemão, espanhol e francês e traduzia hebraico e grego. Podemos concluir: um perfil tipicamente romântico para uma princesa[9].

A concepção da capela-cenotáfio tinha em mente a realização regular de missas de sufrágio. Daí ter sido construída com alguma grandeza, para poder comportar pessoas no interior. O projecto que Augusta de Montléart desenhou para a capela, neogótico e elegante, é bastante interessante. Apesar do arquitecto municipal Joaquim da Costa Lima Júnior ter dado algumas dicas na adaptação do risco de Augusta de Montléart às necessidades de construção (e ao seu próprio gosto), esta capela acabaria por resultar numa obra original. Demorou vários anos para ser construída, só tendo sido benzida em 1861, quando Augusta de Montléart estava já doente e sobretudo interessada em finalizar de vez a sua caprichosa e sentida iniciativa.

Se o Romantismo é a exaltação do sentimento, então esta capela poderá ser considerada como um símbolo do Romantismo em Portugal. A sua construção foi importantíssima para a consolidação de uma vivência romântica da morte, no Porto, e poderiam ser aqui citados casos concretos de uma influência directa, quer mental, quer artística.

Conclusão

Após estes exemplos, que acabámos de explanar muito sucintamente, coloca-se-nos a questão: será que os túmulos românticos mandados erigir por mulheres apresentam, estatisticamente, características diferentes dos que foram mandados erigir por homens?

Responder a esta questão não é fácil, sobretudo porque não podemos ter a certeza, na maior parte dos casos, sobre quem realmente mandou erigir determinado monumento sepulcral. Por outro lado, a influência dos executantes devia ser esmagadora em muitos casos, condicionando a escolha das encomendadoras por um ou outro tipo de monumento, por uma ou outra solução decorativa em particular. Contudo, tendo como base vários anos de pesquisa e algumas centenas de cemitérios oitocentistas levantados em Portugal, parece-nos mais prudente colocar a questão principal noutros termos. De facto, em termos estatísticos,

[9] Está em preparação um trabalho de maior profundidade sobre o cenotáfio mandado erigir pela Princesa Augusta de Montléart, contendo também uma biografia desta mulher singular.

não encontrámos diferenças evidentes entre monumentos comprovadamente encomendados por homens e monumentos comprovadamente encomendados por mulheres. Encontrámos, sim, diferenças substanciais nas propostas iconográficas escolhidas para os túmulos, em função do sexo da pessoa a quem o túmulo era destinado. Demos já exemplo de um monumento no Cemitério da Lapa em que a coroa de rosas surge no contexto de entronização de uma finada jovem. A rosa, a pomba e representações de crianças chorando parecem ser mais comuns em monumentos sepulcrais românticos dedicados a mulheres, denotando que o carácter feminino dos túmulos deriva sobretudo da pessoa a quem se dedica e não tanto de quem pretende dedicar. Trata-se apenas de uma hipótese de trabalho que aqui deixamos, na certeza de que serão necessários muitos anos e mais aturada investigação para que se possa ter algumas certezas sobre estes fenómenos sócio-artísticos.

BIBLIOGRAFIA

QUEIROZ, J. Francisco Ferreira / ALMEIDA, Marcelina das Graças de – *Teatro Baquet: Ruína e Memórias*. Separata do "Boletim da Associação Cultural Amigos do Porto", (no prelo).

QUEIROZ, J. Francisco Ferreira – *Os Amatucci – três gerações de uma família de artistas*. *In* "Actas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte - Artistas e Artífices e sua Mobilidade no mundo de expressão portuguesa" (Porto, Viana do Castelo, Barcelos e Póvoa de Varzim, 20 a 23 de Junho de 2005), p. 221-230.

QUEIROZ, J. Francisco Ferreira – *A capela sepulcral da família Ferreira. Relações socio-artísticas entre o Porto e a Régua na década de 1840*. Comunicação apresentada no "II Encontro Internacional História da Vinha e do Vinho no Vale do Douro" (Porto, Vila Real, Régua e S. João da Pesqueira, 14 a 17 de Outubro de 2004). *In* "Douro, Estudos & Documentos", n.º 18, Porto, 2004, p. 113-159.

PORTELA, Ana Margarida / QUEIROZ, J. Francisco Ferreira – *A casa de José da Silva Santos, em Leiria: percurso histórico de uma habitação burguesa do Romantismo*. *In* "Museu", IV Série, n.º 13, Porto, 2004, p. 7-21.

QUEIROZ, J. Francisco Ferreira – *Os Cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal. Consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória*. Porto, [s.n.], 2002, 3 tomos. Tese de Doutoramento em História da Arte orientada pelo Prof. Doutor Agostinho Araújo e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

QUEIROZ, J. Francisco Ferreira – *A Princesa Augusta de Montléart e a capela do Rei Carlos Alberto. In* "Boletim da Associação Cultural Amigos do Porto", 3ª série, n.º 17, 1999, p. 71-80.

QUEIROZ, J. Francisco Ferreira – *O ferro na arte funerária do Porto oitocentista. O Cemitério da Irmandade de N.ª Sra. da Lapa, 1833-1900.* Porto, [s.n.], 1997, 3 volumes. Dissertação de Mestrado em História da Arte orientada pelo Prof. Doutor Agostinho Araújo e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Fig. 1

Fig. 2

Fig. 3

Fig. 4

Fig. 5

Fig. 6

Fig. 7

Fig. 8

Fig. 9

Fig. 10

Fig. 11

Fig. 12

Fig. 13